

A TAREFA DAS FPLM E DEFENDER OS EXPLORADOS

- Presidente Samora na cerimónia de encerramento do Curso de Preparação político-militar de Boane.

Com um desfile militar realizado no Estádio da Machava, terminou ontem à tarde o "Curso de Preparação Político-Militar de Boane", para a formação de quadros combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique, e Comandante-Chefe das F.P.L.M., Samora Moisés Machel, que era acompanhado pelo Vice-Presidente da FRELIMO, Marcelino dos Santos, e teve ainda a presença do ministro e vice-ministro da Defesa Nacional, respectivamente, Alberto Chipande e Sebastião Mabote, além de membros dos Comitês Central e Executivo da FRELIMO, do Partido, do Governo, e populações do distrito do Maputo.

Após a chegada do Presidente Samora ao Estádio da Machava, que se verificou pelas 14.45 horas, as Forças Populares de Libertação de Moçambique que aí se encontravam formadas apresentaram honras militares ao que se seguiu a revista à guarda de honra efectuada pelo dirigente máximo do nosso País.

Seguidamente, teve lugar um desfile militar das forças em parada. Em primeiro lugar os novos elementos das F.P.L.M. dirigidos pelos seus comandantes, marcharam num passo cadenciado e com de música tocada pela Banda das F.P.L.M. evoluindo depois num passo mais marcado enquanto desfilavam defronte da tribuna presidencial.

Findo o desfile um elemento das F.P.L.M. leu uma mensagem dos quadros e combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique acabada de formar pelo C.P.P.M. de Boane dirigido ao Presidente da FRELIMO e ao C.P.M. e Comandante-Chefe das F.P.L.M. Samora Moisés Machel, por ocasião do encerramento da primeira parte do «Curso 25 de Setembro» que assunira designado.

Depois a leitura da mensagem, o referido elemento das F.P.L.M. começou por salientar a importância e papel político que o campo de formação político-militar de Boane assume no actual contexto de Moçambique, em comparação com o que anteriormente fora utilizado pelos colonialistas portugueses.

Mas adiante a mensagem salientava a ajuda prestada pelos povos de países progressistas e amigos do nosso País durante o tempo da Luta de Libertação Nacional, afirman-

do a certo passo: — «portanto, essa ajuda serviu-nos de lição, no sentido de fazermos o mesmo para com os outros países que ainda hoje estão debaixo do jugo fascio-colonial».

Antes de terminar a mensagem falava ainda da determinação de todos os combatentes das Forças Populares em defender as conquistas alcançadas com a Independência de Moçambique, afirman-

do: «Nos não somos nem nunca fomos amigos da guerra. Se a fizermos, é porque fomos forçados pelo colonialismo a movermos a guerra para vencer a batalha final e conquistar a nossa independência. Todavia, não bastando isto, o inimigo quer ainda obrigá-nos a lutar, é por isso que tem havido muitas provocações nas fronteiras, e é por isso que Ian Smith ataca o povo e mata as populações indolentes».

«Faca a tal situação nós nunca estaremos de braços cruzados, nunca toleraremos tais provocações. A nossa determinação é a de enfrentar qualquer inimigo, seja como for e do onde vier. Tal como foi durante os dez anos de luta, sem hesitação e sem temor. A luta do povo de Zimbábue é a do povo de Moçambique. A sua vitória é a nossa. Portanto, lutaremos lado a lado pela Independência daquela colónia britânica».

SIGNIFICADO DO 9 DE MAIO

Entretanto, como simples reparo, saliente-se que no seio da FRELIMO e das Forças Populares de Libertação de Moçambique, a data de ontem (9 de Maio) tem um alto significado político. Foi no dia

9 de Maio de 1968, que um grupo reaccionário que surgiu na Organização da FRELIMO, comandado pelo Mateus Pinho Jwenger, assaltou os escritórios da FRELIMO em Dar-es-Salaam, ferindo três elementos de nome Vicente, Sínde, e Mateus Mutemba, do Comité Central. Este último viria a falecer mais tarde, vítima desse crime.

Saliente-se ainda que este assalto caracterizou a ambição pessoal de certos elementos reaccionários que defendiam uma linha contrária aos verdadeiros interesses do povo moçambicano e da correcta linha política-ideológica da FRELIMO. Entre outras coisas, o referido grupo de reaccionários pretendia que na FRELIMO os estudantes só estudassem, os militares só servissem como combatentes, e os políticos fossem simplesmente políticos.

IMPROVISO DE SAMORA MACHEL

Depois de se ter realizado a cerimónia militar que encerrou a primeira parte do «Curso de Preparação Político-Militar de Boane», o Presidente Samora Machel, dirigindo-se aos novos elementos das F. P. L. M. aí presentes, falou de improviso, começou por dizer:

Parece que todos nós estamos emocionados ao assistirmos a esta pequena cerimónia de demonstração da pequena força que nós temos. A for-

ça organizada, a força principal que tem por tarefa principal defender as conquistas da Revolução, defender a nossa independência, defender a integridade territorial, liquidar as sequelas do colonialismo e destruir os vestígios do capitalismo.

O que estão aqui diante de nós, constituem parte do povo, a parte fardada. É o povo em farda. É o povo em armas. Mostra-nos a distribuição de tarefas no seio da população, no seio do Povo moçambicano. Os homens que estão diante de nós, não têm tribo, não têm raça, não têm etnia, não têm província, não têm região, não têm local, são do Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo.

Os homens que estão diante de nós, são filhos dos camponeses, são filhos dos operários, são filhos dos trabalhadores, são filhos do povo trabalhador, do Povo moçambicano, em defesa dos interesses do seu povo.

A tarefa destes homens que estão diante de nós, porque eles não têm províncias, não têm tribo, não têm raça, constitui um privilégio, que é aquele que todos nós gostaríamos de ter, o privilégio de servir desinteressadamente o Povo moçambicano, de defender os mais explorados e os mais oprimidos, os menos privilegiados.

A tarefa que têm depois da instrução, é a de como servir o povo e ganhar consciência. Mas, para ganhar consciência, é necessário ter um cérebro,

para poderem viver organizados. E uma vez organizados, poder compreender a sua tarefa e pô-la em prática organizada. Essa é a tarefa das Forças Populares de Libertação de Moçambique, formadas por filhos do povo oprimido, por filhos do povo explorado, por filhos dos pobres.

As armas que têm nas mãos são para a fase actual da nossa luta, porque a fase actual da luta é aguda e cheia de contradições. É uma fase para promover o progresso e uma fase para enraizar a Revolução; é a fase da transformação das mentalidades; é a fase da transformação do Homem e a fase do estabelecimento da Justiça; é a fase de liquidação da injustiça, entre nós. E essa fase é uma fase de luta e de combate intransigente.

Os nossos inimigos actuais são todos aqueles que estão contra a Revolução; são aqueles que pretendem manter o estatuto de privilégios no nosso País; são aqueles que querem fazer permanecer a divisão no seio do nosso povo; são aqueles que querem semear a desconfiança no nosso seio, porque a tarefa da desconfiança é enfraquecer as nossas forças.

Esta fase é também para liquidar a burguesia colonial, mas não para em seu lugar constituir a burguesia nacional. Não queremos a burguesia nacional. Queremos uma sociedade nova, uma sociedade em que se trabalhe, em que se produza e em que se viva bem. Essa é uma das tarefas das Forças Populares de Libertação de Moçambique.

Se nós não desenvolvermos a nossa força principal, não organizarmos a nossa força principal, os inimigos da nossa independência vão subjugar-nos de novo. Os inimigos da nossa independência são aqueles que serviram a PIDE; são aqueles que serviram a A.N.P.; são aqueles que foram C.E., os grupos especiais para matança do nosso povo.

A nossa tarefa é, para além de consolidarmos a nossa Revolução, ganhar o espírito e a consciência de classe para podermos desenvolver a luta de classes.

Nós não queremos levar muito tempo, porque disparam aqui que é tão pronto para defender a independência; estão prontos para defender o Povo moçambicano; estão prontos para liquidar os reacionários que ainda vivem no nosso seio, para destruir alguns bandidos que andam a violentar o povo. E a tarefa das nossas armas, essas armas que estão sempre apontadas para todos aqueles que

aqueles que querem viver à custa do trabalho do nosso povo.

Nós queremos dizer às Forças Populares de Libertação de Moçambique que o número que está aqui, será triplicado; será, talvez, elevado a dez vezes mais. A nossa tarefa é de dar armas ao povo. Quando as nossas armas já estiverem nas mãos do povo, estaremos seguros; não necessitaremos de outra defesa. O povo estará em condições de defender os seus próprios interesses, e por isso que nós vemos estes homens aqui.

Comaradas, saibam apontar bem essas armas que têm nas mãos. As armas que vocês tem nas mãos não são para estar contra o Povo moçambicano; são para apontar os inimigos do Povo moçambicano. Todos aqueles que são inimigos do Povo moçambicano são contra a liberdade do Homem; são contra a Justiça; são contra o desenvolvimento; são contra o progresso; são, ainda contra a nova sociedade. Por isso, os que usam essas balnetas não podem estar em si si r de devem duvidar quando estão diante do inimigo. Essas armas são do povo. O povo unido do Norama ao Maputo é a FRELIMO e vocês são filhos do povo.

(De "Noticias", Matupo, 1976-05-10)